

*Leandro Gomes de Barros*

Os Colectores  
DA  
Great Western

A CANÇONETA DOS MORCEGOS

Peleja de José do Braço com  
Izidro Gavião

A' venda na casa do auctor  
e edictor em Areias—Arrabalde  
do Recife.

## Os Collectores da Great Western

Alerta rapaziada  
Da margem da Great Western,  
O inglez fez uma coiza;  
Acho que queira Deus preste!  
Botou collector nos trens  
Matou morcêgo por peste.

Eu nunca vi esta estrada  
Como agora desta vez,  
Outr'ora tinha um fiscal,  
Agora tem dois ou trez.  
Não viaja mais no molle,  
Nem mesmo a mãe do inglez.

Éra quinze de Janeiro  
Deste anno dezeseis.  
Eu viajava no trem  
Vi o que um collector fez,  
Voava de cada carro  
Dez morcegos de uma vez.

Gritava um morcego, ai!  
Seu collector eu sou cégo  
Dizia um soldado d'essa  
Se não com pouco eu o pego  
O fiscal disse: você  
Não fica aqui nem a prego.

Eu por dinheiro de inglez  
Não arisco minha vida  
Os passageiros dos trens  
São gente descomedida  
Um cacête de quiri  
A muitos serve de ida.

Mas o collector dizia  
Ora! cacête isso é nada  
Ainda que um passageiro  
Me dê uma borduada  
Pagando o excesso, eu crio  
Nome e fama na estrada

Os conductores coitados  
Nada poderão fazer  
O ordenado que ganham  
Não dá nem para comer  
Se não for um economico  
Esta no cazo de morrer

Os passageiros dos trens  
Para embarcar são corridos  
Com mêdo que elles não levem  
Objectos escondidos  
Procuram-lhe contrabandos  
Até dentro dos ouvidos.

Vai-se comprar a passagem  
Chega-se na bilheteira  
Dez pessoas de segunda

Uma ou duas de primeira  
Pois a classe de segunda  
Fica por mais derradeira.

E o fulano não tem  
Direito a se queixar  
Porque o trem só é um  
Tudo alli tem que embarcar.  
Ha de aguentar a bucha  
Que o inglez quizer botar.

E se certos empregados  
Virem que a pessoa é tôla  
Elle tem que despachar  
Inda sendo uma cebola  
Não passa sem despachar  
Nem os botões da ceroula.

E se alguem for se queixar  
Diz-lhe o inglez; o senhor  
Deve agradecer a mim  
Ter trem seja como fôr,  
Mim bota trem em Brazil  
Para fazer-lhe favor

E o pobre passageiro  
Soffre tudo e vae callado  
E não poderá dizer  
Que não está de seu agrado,  
Passa uma em cheio outra em vão  
E diz que está consolado.

O bilhete que se cotipra  
Cortam-no logo na porta,  
No trem chega o conductor  
A segunda vez o corta,  
O collector examina-o  
Outro depois toma nota.

Embarcou um cachaceiro  
Porem teve a desvantagem.  
Um collector disse a elle  
Voce não faz a viagem  
Aguardente de seu buxo  
Só vai se for na bagagem.

O leitor faça um juizo  
Como vivemos agora  
A propria linha de ferro  
Cada vez mais nos peiõra  
Um pobre que toma o trem  
Paga por dentro e por fora.

Um frade foi viajar  
Porem queria ir no molle  
Disse com sigo eu sou frade  
Fiscal commigo não bolle  
Mas o collector lhe disse  
Padre mestre se consolle.

Puche o bilhete ou o cobre  
A coisa hoje está feia  
Você manda no convento

Mas não na empreza alheia  
Escolha das duas uma  
Pagar ou ir a cadeia.

Dizia o frade São Bento  
Me acuda nesta viagem  
Disse o homem nem S. Bento  
Viaja aqui sem passagem  
Veja não pague amanhã  
O excesso e a carceragem

Vamos disse o collector  
Eu tenho em que me occupar  
Talvez os prezos hoje tenham  
Um frade para pregar  
O frade meteu os pez  
Saltou e não quiz pagar.

É o sacristão do frade  
Um tal Amaro escapolle  
O collector perguntou-lhe  
Você tambem vem no molle?  
Do que seu patrão comeu  
Você tambem hoje engolle.

## CANÇONETA DOS MORCEGOS

(Para ser cantada com a musica Dão Maluco  
gemendo na pua.)

Essas linhas de ferro do norte  
Estão causando ligeira impressão  
O inglez leva o cobrê que ha  
Não nos deixa ficar um tustão.

E o Brasileiro se banha se não for no  
bolço tambem.

Alem disso inda tem outra coiza  
O inglez não confia em alguém  
Conductor, bagageiro e fiscal  
Todos são collectados no trem.

E leva o carimbo da companhia!...

Nesses trens só se ver o clamor;  
Empregados descalços na linha  
O que ganha só da muito mal  
Para assucar, café e farinha.

E o aluguel da casa! aonde fica?

E' mulheres atraz dos maridos  
E' rapazes em busca de emprego  
Conductores queixando-se ao vento  
Collectores atraz de morcego.

E quando achia já se sabe pontapé va-  
deia!..

—9—

Machinistas fedendo a fumaça  
Com a lenha que vem do sertão  
Pois enquanto o trem queima cavaco  
O inglez está poupando o carvão.

E o trem correndo e pingando arame...

Guarda-freios com roupas em tiras.  
As botinas sem salto e sem bico  
Assim mesmo o inglez ainda diz  
Esse povo da linha está rico.

~~Por~~ Mas só tem o cebo da roupa...

Com cem reis de batata um almoça  
Dois tustões de feijão dá a janta  
Dois vintens de farinha é a conta  
Assim mesmo inda o povo se espanta

E inveja-lhe a vida!..

Passa um trem onde ha um partido  
Elle pode tirar uma canna  
Dois tustões de cará n'uma feira  
E' legume que dá p'ra a semana.

Assim não seja enxuto!

E o malvado do inglez quando o povo  
Vai dizer-lhe que o ganho é mesquinho  
Elle diz mim não pode dá mais;  
Dá um bolo na mão do visinho!..

Diz o empregado ja dei!..

## Peleja de José do Braço com Izidro Gavião

José Braço—Quero que me dê licença  
Coronel Sebastião  
Já que estou em sua casa  
Chegou a occasião  
Quero que o patrão consinta  
Eu pegar um gavião.

Gavião—Meu patrão dono da casa  
Um pedido eu também faço  
Para tirar uma pasta  
Dos olhos de Zé do Braço  
O povo diz que elle é duro  
Eu vou ver se elle é de aço.

J. B.—Minha garganta é de bronze  
Meu peito na voz é rico  
Quando vejo um gavião  
Só Deus sabe como eu fico  
Porque arranco-lhe as unhas  
Olhos, azas, penna e bico.

G.—Aonde eu canto martello  
Outro cantor fica mudo  
Eu sou um dos gaviões  
Pezado forte e pelludo  
Aonde eu marcar o bote  
Vai frango vai gallo e tudo

J. B.—Collega conto lhe nma  
Que causa admiração  
No Rio Grande onde eu moro  
Muito em cima no sertão  
Um pinto dos que eu crio  
Come qualquer gavião

G.—Essa é para criança  
Na noute que está sem sono  
Onde eu chego corre tudo  
Deixam tudo em abandono  
Levo de uma vez nas unhas  
O gallo o pinto e o dono.

José do Braço lhe disse  
Gavião pode partir  
Emquanto resta-me força  
Eu garanto resistir  
Foi facil você entrar  
Mas é custoso sair

G.—Eu queimo mais que fogo  
Ardo mais de que pimenta  
Doti tapa que arranca queixo

Murro que achata venta  
No dia que estou zengado  
Arde o rio o mar esquentá

J. B. Gavião deixe de róço  
Esta suberba lhe atrasa  
Porque os antigos disem  
La um dia cai a casa  
Eu posso arrancar-lhe as unhas  
E não deixar-lhe uma aza.

G.—Não cuide nessa asneira  
Que perde o tempo em pensar  
Não duvido que você  
Com um copo seque o mar  
Porem uma penna minha  
Duvido alguém arrancar

J. B.—Gavião eu ja cantei  
Com um moço preparado  
Tinha seis annos de estudo  
Já éra quasi formado  
Esse com cinco ou seis horas  
Saiu mas envergonhado

G.—No Estado da Bahia  
Em Vila Nova da Rainha  
La encontrei um rapaz  
Que tinha sido croinha  
Antes de dar meia noute  
Disse que estava com tinha

J. B.—Eu canto a quatorze annos  
Ja tenho bastante pratica  
Decorei Geographia  
E conheço mathematica  
Fiz exame de arithmetica  
Historia musica e gramatica

G.—Agora eu só apreendi  
Fazer cantador correr  
Como tambem ensinar-lhe  
A regra de bem viver  
E para cantar consigo  
Não val apena aprender

J. B.—Gavião eu quero ver  
Se você canta no duro  
Quero um galope em seis linhas  
Porem eu quero é seguro  
Aplique bem o cuidado  
Veja que não dê um furo.

G.—Em galope sou grande professor  
E não temo cantar com camarada  
Se for duro é tanto como eu  
Se for mole já vê que não faz nada  
Gavião onde canta deixa fama  
E passando sozinho faz estrada.

J. B.—Gosto muito Gavião de homem assim  
Vamos ver se a cousa terá jeito  
Em galope cantador velho se enrasca

E é raro um galope sem defeito  
Eu conheço cantador habilitado  
Que faz mil, e não faz um só bem feito.

G.—O galope sabemos é difficil  
E preciso estar muito habilitado  
Mas eu canto galope assim trez dias  
E ninguem me verá rouco ou cançado  
Nunca houve pessoa que dissesse  
Gavião hoje fez um verso errado

J. B.—Pode vir Gavião cá estou prompto  
Tenho arma não me falta munição  
Se tiver mulher e filhos se despeça  
E' custoso sahir de minha mão  
Vou tirar-lhe as unhas com torquez  
E de perna não lhe fica nem canhão

G.—Zé do Braço meu negro deixe disso  
Gavião como eu ja vem de raça  
Você parte de la porem não chega  
Pois no cerco que eu fiz duro não passa  
De hoje em diante você fica sabendo  
Quantos kilos tem de pezo uma desgraça

J. B.—Eu cantei com Rosendo de S. Paulo  
Com Mathias de Santa Catharina  
O rapaz tinha a falla muito grossa  
Mas a voz enroqueceu e ficou fina  
Fez um verso errado duas vezes  
Suspirando rogou praga contra sina

G.—Eu cantei com se' primo João do Val  
Esse disse: Gavião eu não sou fraco  
Mas se viu apertado em minhas unhas  
Que rimou tabernaculo com caçaco  
Confessou não poder mais resistir  
Eu lhe disse; meu amigo olhe o buraco!

J. B.—Vou cercar o terreno onde habito  
Rio Grande do Sul e Paraná  
Matto-Grosso e Santa Catharina  
Quero ver se a cantor que chegue lá.  
Boto a linha em São Paulo vou ao Norte  
Deixo dentro Parahyba e Ceará.

G.—Fiz um muro na rochedo onde habito  
Que curisco respeita o e lá não cai  
Cantador que for lá olha de longe  
Porque perto dalli elle não vai  
Se o diabo attental-o e elle for  
Fica velho apodresse mais não sai.

J. B.—Gavião seja mais amoderado  
Não precisa tambem agravar tanto  
Você está que só onça na carniça  
Eu tambem é como sabe não sou santo  
Não agravo outro collega trato bem  
Não desgosto camarada quando canto.

G.—Pois então vamos cantar por outra forma  
Vamos logo pelo velho testamento  
Descrever como Deus fez isso tudo



Estes astros que se vê no firmamento  
Foi o grande Geovah que em seis dias  
Fez o mundo com tolo movimento

J. B. — Nesse tempo não havia cousa alguma  
Era um vacuo e não tinha luz nem ar.  
Porem Deus existia sobre as aguas  
E um dia entendeu de bem formar  
Tudo isso que vemos hoje em dias  
As estrellas o sol, a terra e o mar.

G.-- Disse Deus faça-se o mundo, esse foi feito  
E com tudo que encerra a perfeição  
E no dia segundo disse Deus  
Haja luz e a luz brilhou então  
E no dia terceiro fez o mar  
E a terra delie fez separação

G.— Disse o grande Geovah no quarto dia  
Haja o sol, e o sol appareceu  
Dia quinto ordenou criasse tudo  
E a terra sua ordem obedeceu  
Fez o homem depois do quinto dia  
De um pedaço de terra que colheu.

Fosse homem, como diz a escritura  
O principio da humana geração  
Geovah ordenou elle dormir  
E no somno Geovah, pondo-lhe a mão  
Tirou d'elle uma costella e formou Eva  
E ali cazou ella com Adão.

6093

— Typ. da POPULAR EDITORA —  
Rua da Republica 65—Parahyba

(LGB)